

Jorge Zahar presente

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

(Yvonne Maggie)

Quem não associa a marca do Z, de Jorge Zahar, nas capas de Érico onde formas curvilíneas inspiradas na escultura concretista de Max Bill se tocam, com sua juventude e a vontade de conhecer? Os livros da Zahar Editores, que depois se transformou em Jorge Zahar Editor e nesta última fase em Zahar, povoavam as pequenas estantes dos quartos de estudantes de ciências sociais e de muitos outros universitários e intelectuais, como até hoje. Só de olhar as capas e a marca no livro recém-lançado *A marca do Z: a vida e os tempos do editor Jorge Zahar*, de autoria de Paulo Roberto Pires, senti profunda emoção. Sem Jorge Zahar, nossa vida e nossa juventude teriam um caminho bem diverso e, certamente, muito menos rico.

O lançamento do livro é uma homenagem aos sessenta anos da edição do *Manual de Sociologia*, de Jay Rumney e Joseph Maier, na Coleção Biblioteca de Ciências Sociais, primeiro título da editora. Em *A marca do Z*, a partir da reconstrução da biografia do imigrante que imprimiu nova feição à vida intelectual brasileira, o autor descreve a história social e intelectual dos últimos sessenta anos do País, com a precisão de um biógrafo e a sensibilidade de um amigo. A leitura é fundamental para quem quiser entender as muitas trapaças do nosso tempo e os grandes avanços e conquistas obtidas pelo editor de riso largo, cabelos penteados para trás e um coração de ouro. “O melhor homem do mundo” na definição de Ênio Silveira, seu amigo essencial.

Pelas páginas recheadas de pesquisa bem-feita, fotos belíssimas e alguns depoimentos, o leitor vai conhecendo o editor, seus livros e sua época. E que época! Segundo Jorge o que define o editor é seu catálogo, e o catálogo de Jorge Zahar marcou uma época, sendo fundamental na formação de muitos jovens

Houve várias fases da editora. A primeira foi basicamente feita de traduções preciosas no País que se expressa na língua de Camões. O grande tradutor era o general Octávio Alves Velho, intelectual que possuía uma excelente biblioteca e ampla cultura. Foi por sua intervenção que o filme de Glauber Rocha *Deus e o Diabo na Terra do Sol* não foi parar na fogueira.

Jorge tinha muitos interlocutores e produziu, além do *Manual de Sociologia* em 1957, uma lista de coleções inaugurais como os *Textos Básicos de Ciências Sociais* organizados por Antonio Roberto Bertelli, Moacir Palmeira e Otávio Guilherme Velho. Esta coleção lançada em 1966 abriu as portas para muitos que não tinham acesso a textos escritos em outras línguas. Gilberto Velho, então com 21 anos, organizou quatro volumes de *Sociologia da Arte*, lançando autores inéditos no Brasil.

Como disse Sergio Micelli, em um depoimento, “Ao confiar o trabalho de edição a recém-formados Jorge permitiu que eles realizassem uma leitura pessoal de tradições estrangeiras, mesclando correntes doutrinárias e modelos explicativos, confrontando tradições intelectuais contrastantes, abrindo horizontes de proação intelectual até então inexplorados, enfim despertando em jovens leitores as disposições suscitadas por tais apetites”.

O catálogo que se iniciara com traduções foi se transformando no sonho do editor de publicar autores brasileiros. O primeiro deles, em 1970, nada menos do que o livro de maior repercussão de Fernando Henrique Cardoso: *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. E vieram muitos outros: Florestan Fernandes, Maria da Conceição Tavares, os primeiros trabalhos de Otávio Guilherme Velho *Frentes de expansão e estrutura agrária*, e de Gilberto Velho *A utopia urbana*.

Em seus almoços na editora, na rua México ou nas reuniões regadas a muito whisky em sua casa na rua Barata Ribeiro, Jorge unia família e trabalho em discussões calorosas sobre a vida, cultivando o respeito e o carinho aos muitos amigos. A amizade gerou frutos e a editora uniu-se em parceria com Luiz e Lilia Schwarcz, fundadores da Companhia das Letras, cuja união até hoje traz benefícios à distribuição dos livros em São Paulo e no Rio.

Não fui propriamente uma interlocutora de Jorge. Era muito tímida e mesmo com todo o carinho que ele e Ani, sua mulher, me dispensavam, fiquei sempre mais como observadora do que participante, nas reuniões em sua casa, e nas várias vezes nas quais almoçávamos com conversas muito cheias de risos e alegria. Quando Jorge decidiu publicar meu livro de estreia, *Guerra de orixá* na coleção *Antropologia Social*, fui vê-lo na rua México e, ao entrar na sala, fui recebida com seu sorriso largo e sua sonora gargalhada. Estava tensa, mas ele logo se levantou e disse: “Yvonne, você sabe que este livro vai mudar a sua vida”. Eu não sabia, mas hoje compreendo que suas palavras foram sábias. Minha vida mudou mesmo.

Pouco tempo depois da morte de Jorge me aproximei de Cristina Zahar. Eu havia sido nomeada para dirigir a Editora UFRJ. Para compor o conselho editorial pensei logo em Jorge Zahar e convidei Cristina que ao longo dos quatro anos foi conselheira e amiga.

O livro recém-lançado me trouxe saudades do passado, mas intensa confiança na filha e neta de Jorge Zahar porque conseguiram realizar a máxima de Johann Goethe: “Aquilo que herdastes de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”.